

Utopias e distopias feministas: futuros alternativos e novas tecnologias reprodutivas

Feminist Utopias and Dystopias: Alternative Futures and New Reproductive Technologies

MARIA ALINE FERREIRA*

PALAVRAS-CHAVE: Utopia, sociedades separatistas, igualdade de género, novas tecnologias reprodutivas, ectogénese.

KEYWORDS: Utopia, separatist societies, gender equality, new reproductive technologies, ectogenesis.

«We can only analyse what does exist by imagining what does not exist, because to understand what is, we must ask how it came about.» (Delphy, 1993, p. 9).

As utopias feministas, um subgénero importante da literatura utópica, têm desempenhado um papel fundamental na sinalização de questões candentes sobre a posição da mulher na sociedade, funcionando também como um laboratório ficcional em que são ensaiadas possíveis soluções. Na ânsia de encontrar cenários alternativos que conduzissem à emancipação da mulher muitas utopias feministas idealizaram avanços biomédicos e tecnológicos muito antes de estes se concretizarem, contribuindo deste modo para chamar a atenção não só para a subordinação das mulheres em sociedades predominantemente patriarcais mas também para a necessidade de soluções potencialmente radicais que erradicassem gradualmente situações de continuada injustiça e de falta de direitos perante a lei. Uma das temáticas mais tratadas nas utopias feministas, desde as mais recuadas no tempo até às mais recentes, tem a ver com sexualidade e reprodução, já que estas constituem duas das áreas que nos seus moldes tradicionais e patriarcais mais têm contribuído para a subjugação da mulher. Na esperança de contornar o determinismo biológico da reprodução, muitas escritoras imaginaram diferentes tecnologias reprodutivas, assim como socieda-

* Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro.

des separatistas só de mulheres. O desejo de emancipação da necessidade de contribuição masculina na fecundação é uma das ambições mais antigas expressas em utopias feministas, desde *Mizora* (1890), de Mary E. Bradley Lane, até *Herland* (1915), de Charlotte Perkins Gilman. Significativamente há muitos exemplos de utopias feministas de mundos só de mulheres onde reina a paz e a harmonia, onde quase não há hierarquias sociais, onde a ciência e a tecnologia contribuem para o bem estar e as mulheres se reproduzem por partenogénese (que pode ser vista como uma versão de clonagem humana, sem necessidade da participação masculina, ou através da fusão de ovos). Se a clonagem humana se concretizar muitas destas fantasias milenares poderão vir a realizar-se, já que as mulheres poderiam ter filhas sem ter de recorrer a bancos de esperma (e os homens poderiam ter filhos sozinhos, desde que tivessem acesso a um óvulo e a uma barriga de aluguer). Por outro lado a criação de óvulos e sémen a partir de células estaminais, já conseguida em laboratório, e a futura aplicação desta tecnologia para resolver não só situações de infertilidade mas também o desejo de maternidade ou paternidade sem o contributo do outro sexo criam não só a esperança de resolução de problemas do foro médico mas também levantam inúmeras questões éticas.¹

«By definition, utopia hinges on paradox: it is a vision of a better world, but one that does not exist» (Stein, 1997, p. 409).

A definição de utopia feminista de Sally Miller Gearhart, escritora feminista e activista política, autora de *The Wanderground* (1978), abarca cabalmente as temáticas fundamentais dessas narrativas:

A feminist utopian novel is one which **a.** contrasts the present with an envisioned idealized society (separated from the present by time or space), **b.** offers a comprehensive critique of present values/conditions, **c.** sees men or male institutions as a major cause of present social ills, and **d.** presents women not only as at least the equals of men but also as the sole arbiters of their reproductive functions. (Gearhart, 1984, p. 296).

¹ Recentemente cientistas da Universidade de Cambridge criaram embriões de ratinhos sem recurso a óvulos ou espermatozóides, utilizando células estaminais e células-tronco embrionárias. Ver Harrison *et al.* (2017).

De acordo com Joanna Russ, por seu lado, a ficção científica,² a que chamou «*What If literature*» (1972, p. 79; itálico no original), constitui «the perfect literary mode in which to explore (and explode) our assumptions about ‘innate’ values and ‘natural’ social arrangements, [...] personality differences between men and women, about family structure, about sex, [...] about gender roles» (1972, pp. 79-80), tópicos que as utopias feministas confrontam e exploram, salientando possíveis alternativas.

As utopias feministas têm uma longa linhagem que pode ser traçado pelo menos até ao início do século XV com Christine de Pizan e *La Cité des Dames* (1405), uma resposta crítica ao *Roman de la Rose* de Guillaume de Lauris e Jean de Meun e à visão sexista do amor cortês, à qual Pizan contrapõe uma alegórica cidade de mulheres onde estas participam activamente na vida pública e têm acesso à educação a par com os homens. Em 1666, Margaret Cavendish, Duchess of Newcastle, publicou *The Description of a New World, Called The Blazing-World*, uma utopia feminista precursora da ficção científica em que uma mulher se torna a imperatriz de um mundo utópico e em que abundam referências a aspectos científicos.³ Também Mary Astell no seu *A Serious Proposal to the Ladies* (1694) sugeriu a criação de uma comunidade secular só de mulheres. Por sua vez Sarah Scott, em *A Description of Millenium Hall and the Country Adjacent* (1762), descreve um espaço utópico e feminino, Millenium Hall, uma comunidade feminista no campo onde as mulheres se sentem livres do domínio patriarcal e encontram um lugar propício ao desenvolvimento de ideias reformistas e onde a educação é fundamental.

«The male is an accident: the female would have sufficed.»

(Gourmont, 1926, p. 60).

O conceito de uma sociedade exclusivamente feminina, ou separatista, remonta pelo menos ao mito das Amazonas,⁴ embora estas necessitassem do homem para efeitos da reprodução. Este sonho de mundos separados ou pelo menos de espaços onde as mulheres pudessem encontrar um «quarto» só delas,

² Existe uma considerável sobreposição e convergência entre utopia e ficção científica, assinalada por vários comentadores, tais como Sargent (1975, pp. 142-144) e Suvin (1973, p. 144).

³ Significativamente, o romance *The Blazing World* (2014) da escritora americana Siri Hustvedt apresenta abundantes ligações intertextuais e temáticas com *The Description of a New World, Called The Blazing-World* de Margaret Cavendish.

⁴ A este propósito consultar Weinbaum (1999).

parafrazeando Virginia Woolf em *A Room of One's Own* (1928), é frequentemente retomado em outras obras utópicas, nomeadamente os muitos exemplos de utopias feministas de mundos só de mulheres onde estas se reproduzem por partenogénese. Em *Mizora* (1890), Mary E. Bradley Lane descreve um mundo exclusivamente feminino, tecnologicamente avançado, onde a reprodução é efectuada em laboratório, recorrendo a mecanismos relacionados com a partenogénese, e onde não existe portanto fertilização pelo sexo oposto. Em *Herland*, por sua vez, a activista e socialista Charlotte Perkins Gilman idealiza um mundo pacífico e cientificamente avançado só de mulheres que se reproduzem por partenogénese.⁵ A chegada de três viajantes ao mundo idílico de Herland vem introduzir numerosos factores de perturbação que satiricamente realçam os inúmeros preconceitos que estruturam a sociedade patriarcal e que, por vezes, de tão entranhados nos costumes tradicionais, aparentam uma naturalidade que contribui decisivamente para continuar a aprisionar a mulher a papéis convencionais.

Em *Women and Economics* (1898) Charlotte Perkins Gilman diagnostica com precisão uma das principais razões de opressão das mulheres, estando estas historicamente limitadas a «sex-functions only, cut off from all economic use and made wholly dependent on the sex-relation as means of livelihood» (Gilman, 1898, Section IX).⁶ Com a eliminação de funções sexuais as mulheres poderiam dedicar-se livremente a actividades à sua escolha, vivendo de forma autónoma e sem depender dos maridos de quem eram propriedade legal.

Estas utopias matriarcais enfatizam a importância da relação entre mãe e filha, na perpetuação de uma genealogia feminina e no conceito da mulher como sujeito autónomo, expressando ficcionalmente as ideias de Simone de

⁵ Uma crítica comum a estas sociedades matriarcais consiste em acusar as suas autoras de uma visão essencialista que tende a perpetuar o mito da mulher como inerentemente mais próxima da natureza, tendo na maternidade a sua função primordial e definidora, mito esse desconstruído por Simone de Beauvoir e outras pensadoras. Por outro lado estas utopias de certo modo sugerem que as mulheres são intrinsecamente pacíficas, não iniciando guerras nem promovendo violência, podendo este aspecto ser considerado como a perpetuação de um novo mito feminino, afinal um prisma do mito construído pelos homens para manter as mulheres passivas e rendidas à domesticidade. Seguindo esta linha de pensamento porventura as mulheres não precisam tanto de mitos que as definam mas sim de se definir a elas próprias como seres humanos numa interação social justa e caracterizada por paridade de género.

⁶ Cf. URL: <http://digital.library.upenn.edu/women/gilman/economics/economics.html> (Acesso em Fevereiro de 2017).

Beauvoir no seu livro *The Second Sex* (1949), onde esta questiona a tradicional premissa filosófica de que a mulher é a «Outra» do homem enquanto este se institui como a norma. Nestas utopias, pelo contrário, a mulher é a norma e o homem o outro (cf. Beauvoir, 1949, p. 16). Também Gilman sublinha a mesma ideia de que enquanto os homens podem atingir o seu desenvolvimento pleno como seres humanos, as mulheres são «checked, starved, aborted in human growth» (Gilman, 1898, p. 75).

Desta forma as narrativas utópicas já mencionadas constituem um poderoso manifesto político, sugerindo a necessidade de estabelecer um espaço feminino onde as mulheres pudessem ensaiar as suas próprias políticas não subordinadas a um sistema patriarcal e hegemónico. São assim um contraponto fulcral à ideia de que as mulheres teriam de reger a sua vida em função dos homens. Como nota Peter Fitting, referindo-se a utopias exclusivamente de mulheres, «the absence of men functions not as a call for a world without men, but as a metaphor for the elimination of male (patriarchal) values» (Fitting, 1987, p. 102).

Um rosto feminino para o divino

Uma outra linha temática por vezes explorada nas utopias femininas do virar do século tem a ver com o papel do Cristianismo como factor de hierarquização e afastamento da mulher das estruturas do poder na Igreja. Em muitas destas narrativas surge o culto a uma Deusa, que substitui Deus. Encontramos então expressões como «Oh minha Deusa», em vez de «Oh meu Deus», a par de muitas outras intervenções a nível linguístico que chamam a atenção para a linguagem ainda predominantemente de cariz androcêntrico que utilizamos e que efectivamente influencia decisivamente a maneira como a sociedade concebe os papéis femininos e masculinos.

No romance utópico de Elizabeth Burgoyne Corbett (Mrs George Corbett) *New Amazonia: A Foretaste of the Future* (1889), por exemplo, encontramos não só a adoração de uma Deusa como a constatação de que o Cristianismo contribuiu decisivamente para a estrutura hierárquica da Igreja que exclui as mulheres dos lugares de poder, enquanto que em *Lesbia Newman* (1889), Henry Robert S. Dalton defende a existência de mulheres padres na Igreja Católica (uma reivindicação que, passados mais de 125 anos, ainda não se concretizou). Em muitas outras utopias deste período é notável a ênfase colocada na espiritualidade feminina, cujo foco é a adoração a uma Deusa ou deusas, fortemente sintomática de um desejo de um rosto feminino para o divino. Em *Gloriana, or, The Revolution of 1900* (1889), outra utopia feminista de

Lady Florence Dixie, por sua vez, a religião cristã é considerada um dos principais fatores de opressão feminina. Também Elizabeth Cady Stanton, uma das mais importantes proponentes do sufrágio feminino nos Estados Unidos da América, em colaboração com Susan B. Anthony em *The Woman's Bible* (1895), Charlotte Perkins Gilman no seu livro *His Religion and Hers* (1923), Winifred Holtby em *Eutychus: Or the Future of the Pulpit* (1928),⁷ Rebecca West em «Man and Religion» ou Virginia Woolf em *Three Guineas* (1938) examinaram criticamente como a Igreja restringiu o papel da mulher enquanto a enaltecia como mãe e esposa, como se essas funções fossem impeditivas do exercício de outros cargos de responsabilidade e poder.

«Le matriarcat n'est pas moins hétérosexuel que le patriarcat:
seul le sexe de l'opresseur change» (Wittig, 1980, p. 53)

Um outro tipo de estratégia e experiência intelectual utilizada por diversas autoras consistiu na escrita de utopias que invertem os papéis tradicionais de mulheres e homens, tendo estas sido bastante populares no virar do século XIX para o XX. Como exemplos representativos de utopias satíricas de papéis sexuais subvertidos, culturas em que as mulheres dominavam os homens, podemos citar *Man's Rights, Or How Would You Like It?* (1870) de Annie Denton Cridge, *Anno Domini 2000: or, Woman's Destiny* (1889) de Sir Julius Vogel (político britânico que foi Primeiro Ministro da Nova Zelândia), *Sultana's Dream* (1905) de Rokeya Sakhawat Hossain, *The End of This Day's Business* (1935) de Katharine Burdekin e *Martha Brown, M.P. A Girl of Tomorrow* (1935) de Victoria Cross. O tom paródico de vários destes livros remete para uma estratégia de alertar para o ridículo e para a falta de legitimidade de muitas situações familiares e sociais que as mulheres eram obrigadas a aceitar devido a convenções anacrônicas e patriarcais. Numa variante igualmente comum, as mulheres dominam e, num exercício de subversão de papéis, são atribuídas aos homens as características tradicionalmente associadas às mulheres (entre outras passividade, falta de curiosidade intelectual, submissão), como no romance *The End of This Day's Business* de Katharine Burdekin (escrito em 1935 mas só publicado em 1989).

«The king was pregnant» (Le Guin, 1969, p. 99).

Por outro lado outras escritoras, como Ursula K. Le Guin, reflectem ficcionalmente sobre sociedades caracterizadas por uma significativa fluidez

⁷ Incluído na série «Today and Tomorrow», publicada em Londres por Kegan Paul nas décadas de 20 e 30 do século XX.

sexual e de género. *The Left Hand of Darkness* (1969) é um exercício intelectual sobre o funcionamento de uma sociedade sem papéis sexuais pré-definidos, onde os habitantes de Gethen são andróginos durante 24 dias do mês e nos restantes dias encontram-se numa condição descrita como *kemmer*, adquirindo características sexuais femininas ou masculinas dependendo do seu parceiro. Desta maneira todas/os podem ficar grávidas/os e dar à luz. Outro exemplo anterior desta androginia latente ou hermafroditismo ocorre em *Proud Man* (1934) de Katherine Burdekin, onde os habitantes de um mundo futuro enviam à Terra um/a emissário/a para testemunhar os hábitos das pessoas em Inglaterra no início do século XX. A Pessoa enviada considera os cidadãos com que interage sub-humanos na suas práticas e crenças, assim como nos seus hábitos sexuais. No seu mundo no futuro todas as Pessoas são hermafroditas e autónomas em termos de fertilização e reprodução. A Pessoa do futuro fica escandalizada com o privilégio atribuído aos órgãos sexuais masculinos em detrimento dos femininos, cujas conotações de impureza e inferioridade afastava as mulheres de todos os lugares influentes e poderosos. Como a Pessoa observa,

The mere possession of a phallus [...] regardless of the *character* of the possessor, guaranteed a certain amount of civic power. Thus the phallus, though no longer actually worshipped, was still associated with *power* and *pride*, inheritance, priesthood, the glory of war, and many other things delightful to subhumans; while the womb and the breasts were associated with nothing but spiritual uncleanness and lifelong subordination (Burdekin, 1934, p. 29; *italicos enfáticos conforme o original*).

Associada a esta situação a Pessoa diagnostica nas meninas «an intense secret envy of the phallus, the sign of power» (*ibid.*, p. 30), em diálogo crítico com as teorias de Freud. Como a Pessoa nota: «If women retain their biological importance, and become pleased with themselves from birth, and learn to associate power with the womb instead of with the phallus, a dominance of females over males is not only possible but likely» (*ibid.*, p. 31). No entanto, significativamente, a Pessoa acrescenta que a mudança do sexo dominador só por si não traria a solução para uma sociedade melhor: «The privilege would merely be reversed, and possibly it would be more oppressive and more cruel» (*ibid.*, p. 31), um cenário ficcionalizado em *The End of This Day's Business* de Burdekin, em que o domínio das mulheres e a infantilização dos homens conduzem a uma «cold and reasonable female tyranny» (*ibid.*, p. 59). A questão

fundamental tem a ver com a necessidade de uma democracia igualitária e não com o poder exercido por um dos sexos sobre o outro.⁸

«Perhaps we shall only really be able to think about gender on the day when we can imagine nongender» (Delphy, 1993, p. 9).

Como se torna aparente existe uma concentração considerável de utopias feministas no fim do século XIX e no princípio do século XX, denotando as preocupações dominantes com a situação das mulheres no que se refere ao direito de voto, à sua pouca representatividade política e à sua falta de direitos legais na família e no emprego, coincidente com a primeira vaga do movimento feminista. A segunda vaga deste movimento, que se iniciou em finais dos anos 60, originou um novo grupo de utopias feministas publicadas maioritariamente nos anos 70. Tal como muitas das anteriores estas narrativas tinham um cunho fortemente ecológico e uma grande preocupação com tecnologias reprodutivas. A percepção de que as funções biológicas da mulher, com especial relevância para a maternidade, têm constituído, e continuam a representar, um elemento fundamental de discriminação da mulher levou a que (analogamente às utopias matriarcais partenogénicas do virar do século passado) os anos 70 assistissem a uma proliferação de utopias feministas que enfatizavam a separação do sexo da procriação.

Em relação ao segundo grande grupo de narrativas feministas utópicas que surgiu na década de 70 como resposta a situações de desigualdade e falta de direitos das mulheres podemos citar, como alguns dos exemplos mais representativos, *The Female Man* (1975) de Joanna Russ, *Woman on the Edge of Time* (1976) de Marge Piercy, *The Wanderground* (1978) de Sally Miller Gearhart e *Motherlines* (1978) de Suzy McKee Charnas. Estas narrativas partilham um impulso utópico comum, o de um mundo mais justo e agradável para todos em que as mulheres têm autonomia reprodutiva (não necessitando do contributo

⁸ Como Suzy McKee Charnas explica, em relação ao seu livro *Walk to the End of the World* (1974), usando palavras que se aplicam a praticamente todas as utopias feministas: «With the spectrum of human behavior in my story no longer split into male roles (everything active, intelligent, brave and muscular) and female roles (everything passive, intuitive, shrinking and soft), my emerging women had natural access to the entire range of human behavior. They acted new roles appropriate to social relationships among a society of equals, which allowed them to behave simply as human beings, tenderly, aggressively, nurturingly, intellectually, intuitively, whatever suited a given individual in a given situation.» (Charnas, 1989, pp. 106-107).

masculino). Estas utopias participam assim de modo ficcional num diálogo e debate crítico com a segunda vaga feminista dos anos setenta.

No seu livro germinal *The Dialectic of Sex: The Case for Feminist Revolution* (1970), a feminista e activista Shulamith Firestone considera que a maternidade é a causa principal do estatuto da mulher como cidadã de segunda classe e, além de defender o divórcio entre sexo e reprodução, vai ainda mais longe, sugerindo a eliminação não só do privilégio masculino, mas também das conotações culturais de superioridade relacionadas com os órgãos sexuais masculinos. Segundo Firestone,

The reproduction of the species by one sex for the benefit of both would be replaced by (at least the option of) artificial reproduction: children would be born to both sexes equally, or independently of either, however one chooses to look at it; the dependence of the child on the mother (and vice versa) would give way to a greatly shortened dependence on a small group of others in general... The tyranny of the biological family would be broken (Firestone, 1970, p. 11).

Enquanto as utopias matriarcais e separatistas ilustram precisamente este cenário, eliminando o homem da cena primordial de reprodução e representando mulheres totalmente independentes em termos de procriação, levando este exercício intelectual proposto por Firestone até ao extremo, outras sugerem visões mais moderadas em que homens e mulheres habitam a mesma sociedade mas em que os papéis sexuais são partilhados por todos, inclusivamente a maternidade.

Será que só uma sociedade em que o sexo e o género dos indivíduos não sejam os principais factores definidores poderá conduzir a igualdade de tratamento e de oportunidades? Parece ser esta a suposição de Marge Piercy em *Woman on the Edge of Time* (1976), uma narrativa directamente influenciada pelo livro de Firestone, ilustrando muitas das ideias nele defendidas. A protagonista, Connie Ramos, uma mulher marginalizada de ascendência hispânica a viver em Nova Iorque, cuja filha foi levada para adopção por alegados maus tratos, consegue comunicar telepaticamente com uma pessoa de Mattapoisett (uma sociedade futura em 2137, agrária e igualitária, sem violência nem racismo) chamada Luciente. Em Mattapoisett tanto as mulheres como os homens podem amamentar os bebés⁹ graças a injeções de hormonas,

⁹ A este propósito não resisto a mencionar um exemplo do reino animal, onde tanto a fêmea como o macho do morcego *Dyacopterus spadiceus*, que vive na Península Malaia, produzem leite e dão de mamar às crias, partilhando essa responsabilidade.

os embriões desenvolvem-se em úteros artificiais e a família nuclear desapareceu, tendo as mulheres abdicado da capacidade reprodutiva em prol de uma partilha de poder. Os papéis sexuais convencionais deixaram de existir já que tanto os homens como as mulheres podem ser «mães». As responsabilidades pela educação das crianças também são partilhadas. Como Luciente explica:

It was part of women's long revolution. When we were breaking all the old hierarchies. Finally there was that one thing we had to give up too, the only power we ever had, in return for no more power for anyone. The original production: the power to give birth. 'Cause as long as we were biologically enchained, we'd never be equal. And males never would be humanized to be loving and tender too. *So we all became mothers*. Every child has three. To break the nuclear bonding. (Piercy, 1979, p. 97; itálicos enfáticos meus).

O edifício onde se desenvolvem os fetos é descrito como um espaço tecnológico mas acolhedor onde os progenitores de ambos os sexos vão observar o desenvolvimento dos bebés num ambiente de grande afectividade e antecipação. Cada bebé cresce no seu saco placentário, num tanque de líquido amniótico, juntamente com outros: «All in a sluggish row, babies bobbed. [...] Languidly they drifted in a blind school» (*ibid.*, p. 94). Este cenário contrasta drasticamente com a descrição fria, distante e científica dos fetos clonados em filas intermináveis na Central London Hatchery and Conditioning Centre em *Brave New World* (1932) de Aldous Huxley.

Na conhecida história de James Tiptree, Jr., «Houston, Houston, Do You Read?» (1976), por seu turno, as famílias são compostas por grupos de mulheres clonadas que se tratam umas às outras por irmãs. Quando três astronautas americanos necessitam de ser salvos, de ser retirados da sua nave espacial e de ser trazidos para o planeta onde vivem estas mulheres (as semelhanças com o enredo de *Herland* de Charlotte Perkins Gilman são óbvias), o medo de que estes tragam violência para o pacífico mundo das mulheres, um cenário que se vem a concretizar, «força» as habitantes desse planeta a eliminar os homens.

Uma outra tecnologia idealizada em várias utopias feministas tem a ver com a fusão de óvulos, originando filhas com duas mães genéticas e eliminando a participação masculina. No romance *The Female Man* (1975) de Joanna Russ, considerado por Donna Haraway como o texto fundador da ficção científica anglófona (Haraway, 1997, p. 75), existe uma comunidade constituída só por mulheres, Whileaway, onde a família tradicional não existe (sendo esta

substituída por uma família alargada) e em que a reprodução é efectuada através de fusão de óvulos.

Em *The Wanderground* (1978) de Sally Miller Gearhart, outra utopia feminista e ecológica, as mulheres também se reproduzem por fusão de óvulos, assim como em *A Door into Ocean* (1986) e *Daughter of Elysium* (1993) de Joan Slonczewski, uma escritora e bióloga. *A Door into Ocean* descreve dois mundos antagónicos: um distópico, semelhante ao planeta Terra, Valedon, enquanto o outro é um planeta totalmente coberto de oceanos, Shora, um mundo pacífico e ecológico e cientificamente desenvolvido. Shora é habitado exclusivamente por mulheres cuja fisiologia impede relações sexuais com o sexo oposto e que se reproduzem por fusão de óvulos.

Em *The Y Chromosome* (1990) de Leona Gom, uma mutação genética no esperma significa que os homens perdem a capacidade de fertilização e só haverá nascimentos enquanto os reservatórios dos bancos de esperma durarem. Entretanto cientistas conseguem criar uma bebé através da fusão de dois ovos, o que significa que a humanidade não se extinguirá mas também que doravante apenas nascerão mulheres. Esta notícia leva a uma onda de violência e destruição por parte dos homens, que naturalmente se revoltam face a um destino tão certo e fatal. Nesta sociedade futura, tal como acontece em *The End of This Day's Business* de Burdekin, os homens tinham sido educados e socializados para se considerarem inferiores às mulheres que dominavam a sociedade. Assim como no romance de Burdekin o mundo governado pelas mulheres não é perfeito e a inversão de poderes acarreta e enfatiza preconceitos, assim como a perpetuação de algumas hierarquias. Em *Daughters of an Amber Noon* (2002) de Katherine V. Forrest, mulheres cientistas criaram em laboratório esperma artificial de modo a reproduzirem-se autonomamente (mais uma vez sem participação masculina).

Entretanto avanços científicos podem estar prestes a tornar a clonagem humana e a fusão de ovos humanos possível, concretizando assim os cenários reprodutivos de muitas utopias feministas. Segundo Robert Sparrow (2013), cientistas conseguiram produzir esperma e ovócitos a partir de células estaminais embrionárias de ratinhos e depois utilizaram tanto esperma como ovos para produzir crias. Sparrow refere-se ainda à criação de uma ratinha com duas mães, o que permitiria a duas mulheres serem as mães genéticas de uma criança (um cenário previsto em várias das utopias feministas mencionadas). No dealbar do século XXI as visões mais radicais de Shulamith Firestone, incluindo úteros artificiais, estão a ser cada vez mais discutidas a nível científico

e ético.¹⁰ Firestone descreveu a gravidez como «barbaric» (1972, p. 180)¹¹ e Simone de Beauvoir referiu-se à maternidade como servidão,¹² argumentando que só a sua supressão levaria a uma maior igualdade efectiva de direitos entre os sexos. Várias cientistas e bioéticas concordam com esta avaliação. Reflectindo sobre as implicações para as mulheres da implementação da ectogénese, o desenvolvimento de um feto num útero artificial, Ruth Deech e Anna Smajdor acreditam que será indubitavelmente benéfico. Segundo elas, «for the first time, women would be equal parenting partners with men, neither more nor less responsible» (Deech / Smajdor, 2007, p. 100), enquanto «parenting decisions could be made independently of physical constraints» (*ibid.*, p. 100). Mesmo que uma concepção idealizada de maternidade se perca, as mulheres sairiam a ganhar. Para Deech e Smajdor «much of the supposed choice that reproductive technologies have given women is subverted by social pressures, as well as by the fact that gestation and childbirth are still inextricable from women's bodies» (*ibid.*, p. 100). Smajdor vai ainda mais longe defendendo um imperativo moral para conduzir investigação que leve ao desenvolvimento de ectogénese (Smajdor, 2007, p. 207).

A ectogénese parece ser, na verdade, uma das tecnologias mais promissoras em termos da emancipação da mulher da sua biologia. Nas últimas décadas a ficção maioritariamente distópica tem tomado como ponto assente o divórcio entre sexo e reprodução, libertando as mulheres do peso da afirmação de Freud segundo a qual «Anatomy is destiny» (Freud, 1924, p. 178) ou, como observa Rosi Braidotti, «Whether she likes it or not, [woman] only exists in her culture as a potential mother» (Braidotti, 1991, p. 260). De facto as distopias ficcionais e filmicas das últimas duas décadas podem caracterizar-se por uma conspícua ausência de mulheres grávidas, tendo estas sido substituídas por ectogénese (a criação e desenvolvimento de um ser completamente fora do corpo materno, uma tecnologia que inevitavelmente tem sido uma fonte inesgotável de dissensão e fortes divergências tanto a nível ficcional como ético).

As distopias escritas por mulheres e não só parecem considerar como praticamente adquirido que a grande maioria destas já não gera os filhos no ventre pois pode optar por úteros artificiais, sendo a fertilização *in vitro* a norma.

¹⁰ Consultar Flake (2017) e Usuda (2017).

¹¹ Segundo Firestone (1972, pp. 180-181), «pregnancy is the temporary deformation of the body of the individual for the sake of the species. Moreover, childbirth *hurts*. And it isn't good for you».

¹² Beauvoir descreve a «servitude of maternity» (Beauvoir, 1949, p. 37).

Desta forma as tecnologias reprodutivas continuam a constituir-se como local privilegiado para repensar as políticas sexuais do presente e do futuro. Porém, ironicamente, um traço preocupante patente em algumas destas distopias feministas mais recentes tem a ver com a perpetuação de papéis tradicionais da mulher como objecto sexual de desejo e secundarizada numa sociedade marcadamente patriarcal, geneticamente modificada e com recurso a numerosas cirurgias plásticas com o objectivo de corresponder aos gostos masculinos (o que significa muito jovens e com curvas acentuadas, como as mulheres em *Brave New World*).

Em *The Stone Gods* (2005) de Jeanette Winterson, por exemplo, as políticas sexuais parecem acentuar o papel da mulher como objecto sexual apesar de quase todos os bebés serem criados em úteros artificiais, pondo assim em dúvida o papel destes últimos como factores niveladores de valores sociais e paridade dos sexos a nível legal. *The Stone Gods* é uma biodistopia pós-apocalíptica onde as mulheres mães foram praticamente eliminadas e onde o futuro das mulheres é incerto (cf. Winterson, 2005, p. 22), como explica a narradora, já que o seu papel como mães deixou de existir, nascendo a maioria das crianças a partir de úteros artificiais. Graças ao controlo do ADN mitocondrial os habitantes deste mundo futuro são mantidos numa determinada idade genética, ou seja, as mulheres com cerca de vinte e poucos anos ou mesmo adolescentes e os homens com cerca de quarenta, perpetuando-se assim as políticas sexuais tradicionais.¹³ Por outro lado em *Cyteen* (1988) de C. J. Cherryh e *Barrayar* (1991) de Lois McMaster Bujold, a grande maioria dos bebés cresce em úteros artificiais e as mulheres são descritas de modo geral como fortes e independentes, desempenhando lugares profissionais semelhantes aos dos homens, uma situação que é possível graças ao uso de ectogénese (aqui apresentada como positiva e um factor fundamental de igualdade entre os sexos).

«Practices produce values: other practices produce other values»
(Delphy, 1993, p. 9).

Poderemos falar ainda de utopias feministas no século XXI?¹⁴ Como toda a literatura de cariz utópico também as utopias feministas se encontram

¹³ Tal como na distopia de Aldous Huxley, *Brave New World*, uma aparência um pouco mais idosa é considerada obscena.

¹⁴ No contexto deste artigo refiro maioritariamente trabalhos em língua inglesa.

intrinsecamente ligadas ao presente, oferecendo um implícito comentário crítico às condições que o caracterizam e imaginando cenários alternativos e possíveis soluções para os problemas mais prementes e com maior impacto na vida das mulheres. Christine Delphy enfatiza a necessidade continuada de imaginar outros futuros, já que só a implementação de novas práticas sociais poderá levar a mudanças de atitude: «We do not know what the values, individual personality traits, and culture of a non-hierarchical society would be like, and we have great difficulty in imagining it. But to imagine it we must think that it is possible. And it is possible. Practices produce values: other practices produce other values» (Delphy, 1993, p. 9).

A questão que se coloca é que parece haver uma ausência quase total de utopias feministas nas últimas três décadas. A que se deve esta situação? Este decréscimo poderá ter várias explicações: por um lado a percepção generalizada que devido às igualdades de direitos e deveres entre os sexos do ponto de vista legal que têm vindo a ser conquistadas já não haverá mais necessidade de falar em feminismo, uma percepção profundamente perigosa em termos da necessidade continuada de uma actuação política para melhorar situações de gritante desigualdade de género. Apesar de todos os ganhos acumulados, muitas desigualdades e preconceitos mantêm-se inalterados e profundamente entranhados na maioria das sociedades, ainda fortemente patriarcais (incluindo as Ocidentais), assim como as relações de poder. Segundo Foucault «Power is exercised only over free subjects, and only insofar as they are free» (Foucault, 1983, p. 221), uma situação que não se verificará enquanto muitas mulheres não tiverem direito à sua autonomia como sujeitos iguais perante a lei nem independência financeira, o que ainda não acontece em muitos países do mundo. Outras razões para a diminuição de utopias feministas e utopias em geral prendem-se com a exacerbação de uma série de tendências, tais como o aquecimento global, o capitalismo desregrado, o aumento do desemprego e da pobreza, que perspectivam um quadro distópico para o presente e para o futuro do planeta e dos seus habitantes.

Partindo destas premissas, as narrativas das distopias feministas mais recentes situam-se em mundos pós-apocalípticos, dizimados por desastres ambientais ou pragas de origem humana com o intuito de destruir a população do planeta, como na trilogia de Margaret Atwood *Oryx and Crake* (2003), *The Year of the Flood* (2009) e *MaddAddam* (2013), assim como nas distopias *The Stone Gods* (2007) de Jeanette Winterson, *Daughters of the North* (2007) de Sarah Hall e *The Birth of Love* (2010) de Joanna Kavenna, caracterizando-se por um aumento da violência.

«Violent women interrupt gender stereotypes: they are not the helpless and peaceful women that soldiers need to protect from enemies in traditional war tales» (Sjoberg e Gentry, 2008, p. 5).

Uma outra temática recorrente nestas distopias é de facto a violência, tanto exercida sobre o ambiente como sobre as pessoas e em especial sobre as mulheres. Mas será que, como Steven Pinker argumenta, «a more feminized world is a more peaceful world» (2012, p. 828)? Em *The Kanshou* (2002) de Sally Miller Gearhart a destruição dos ecossistemas conduziu a uma catástrofe ecológica. Drásticas mudanças ambientais levaram à morte de todos os animais e a um enorme desequilíbrio dos sexos, existindo 12 mulheres para cada homem. A força de segurança neste futuro não muito longínquo, chamada «Kanshou», é constituída quase só por mulheres, enquanto que a população prisional é praticamente só masculina.¹⁵ A grande interrogação no livro prende-se com a seguinte questão: será o exercício de violência um impulso maioritariamente masculino? E se for esse o caso estará esse impulso localizado num lugar específico do cérebro? Haverá uma causa biológica? Já que a maior parte dos presos pertence ao sexo masculino um movimento alargado sugere que esses prisioneiros devem ser usados em experiências sobre um possível gene ou circuito cerebral relacionado com o exercício da violência. Esta distopia explora a natureza da violência humana assim como a sua prevalência no sujeito masculino.¹⁶ Também a distopia *Daughters of the North* (2007) de Sarah Hall examina a questão da violência no feminino.¹⁷ As mulheres são todas esterilizadas devido à degradação dos recursos do planeta e apenas aquelas cujo nome for seleccionado numa lotaria são autorizadas a engravidar. A narradora, porém, num acto de revolta, abandona a sua zona oficial e refugia-se numa comunidade de mulheres, no norte de Inglaterra, numa quinta que lhes fornece tudo o que necessitam para viver. Esta não é uma pacífica comunidade agrária, no entanto, pois a sua líder acredita que só com resistência armada será possível criar uma sociedade melhor governada por mulheres.

¹⁵ Para uma análise de *The Kanshou* e a questão da violência no feminino, ver *Fool's Gold* de Sargisson.

¹⁶ Ingmar Persson e Julian Savulescu defendem o imperativo de introduzir mecanismos para atingir aquilo a que chamam «Moral Bioenhancement», através de meios farmacológicos e de engenharia genética para diminuir a violência e a criminalidade.

¹⁷ Ver a este respeito Oliver, 2016.

Também *The Power* (2016) de Naomi Alderman questiona premissas e preconceitos convencionais que tradicionalmente têm estruturado relações de poder entre os sexos. Na sociedade idealizada por Alderman, há uma gradual inversão de papéis à medida que as adolescentes tomam consciência que nasceram, sem o saberem, com uma capacidade física de dominar os homens através de electricidade gerada por um pequeno e misterioso órgão, conduzindo a uma sociedade em que os homens se sentem inferiorizados e temem a violência que as mulheres lhes podem infligir.

Em *The Birth of Love* (2010) de Joanna Kavenna (tal como na distopia *Daughters of the North*), uma obra híbrida que inclui uma narrativa distópica futurista situada em 2153, as mulheres são esterilizadas e os seus úteros «fechados» (Kavenna, 2010, p. 119). A palavra mãe deixou de existir,¹⁸ usando-se agora o termo «egg donor» (*ibid.*, p. 111), as crianças são designadas por «progeny of the species» (*ibid.*, p. 111), os progenitores são descritos como «sperm and egg donors» (*ibid.*, p. 111) e os bebés são criados em úteros artificiais. Quando uma mulher engravida espontaneamente, apesar de esterilizada, é obrigada a fugir para levar a cabo a gravidez e o bebé que nasce é considerado um milagre (como em *The Children of Men* (1992) de P. D. James). Significativamente, algumas mulheres neste futuro distópico anseiam por ficar grávidas, como acontecia no passado. Este cenário distópico e apocalíptico é contrastado com um dos outros fios temáticos do livro que descreve a fase final da gravidez de uma mulher contemporânea em Londres, assim como o nascimento do seu filho, caracterizado por longas horas de sofrimento e um forte sentimento de revolta, fazendo lembrar as palavras de Simone de Beauvoir e de Shulamith Firestone.

Conclusão

Olhando para as utopias e distopias feministas como um todo, desde as suas primeiras manifestações até às mais recentes, destacam-se várias temáticas: a insistência num espaço autónomo para as mulheres e na ausência de violência, a defesa do meio ambiente e a necessidade de reconfigurações, tanto ao nível da família e da sociedade, como em termos de tecnologias reprodutivas, que

¹⁸ Em *Brave New World* (1932) de Aldous Huxley a palavra mãe é considerada obscena e obsoleta, uma vez que a família tradicional deixou de existir.

ofereçam um maior leque de escolhas. Não quer dizer que todas as mulheres escolham a fertilização *in vitro*, a fusão de óvulos, a ginogénese ou úteros artificiais mas o simples facto de existir uma panóplia alargada de opções significa que, se assim o desejarem, as mulheres podem ter as mesmas oportunidades em termos laborais que os homens (embora essa situação esteja consagrada na lei de muitos países, ainda constitui uma fonte de discriminação). As sugestões e recomendações propostas por Shulamith Firestone podem parecer ainda quase tão utópicas como as de Mary Bradley Lane ou de Gilman, mas encontram-se agora alicerçadas em desenvolvimentos biocientíficos previstos para um futuro relativamente próximo.

Por outro lado algumas das reivindicações feitas por mulheres ao longo dos séculos e expressas em utopias e distopias feministas ainda estão por realizar, tais como a abertura da Igreja à ordenação das mulheres (embora na Igreja Anglicana isso já seja possível) e uma situação de igualdade perante a lei inexistente em muitos países. Sem essas visões, porém, a concretização de reivindicações e a construção de cenários alternativos seria com certeza mais difícil. Como observa Delphy (1993, p. 8): «To construct another future we obviously need an analysis of the present, but what is less recognized is that having a Utopian vision is one of the indispensable staging-posts in the scientific process — in *all* scientific work» (itálicos enfáticos no original).

No seu livro *Fool's Gold? Utopianism in the Twenty-First Century* Lucy Sargisson confessa-se muito admirada pela falta de visões verdadeiramente inovadoras no contexto da literatura utópica/distópica feminista no século XXI (cf. Sargisson, 2012, p. 78). Julgo que essas visões têm vindo a ser recorrentemente expostas, ensaiadas e criticadas, embora muitas vezes apareçam diluídas devido às grandes catástrofes ecológicas e à violência entre os sexos que tendem a obscurecer as concepções inovadoras e estratégias que conduziriam a um mundo mais igualitário. Aquilo a que Firestone chamou «'dangerously utopian' concrete proposals» (Firestone, 1972, p. 226) está finalmente a tomar forma.

Referências bibliográficas

- ASTELL, Mary (2014). *A Serious Proposal to the Ladies, for the advancement of their true and greatest interest*. Ed. por Sharon L. Jansen. Steilacoom, WA: Saltar's Point Press.
- ATWOOD, Margaret (2003). *Oryx and Crake*. Londres: Bloomsbury.
- (2009). *The Year of the Flood*. Londres: Bloomsbury.

- (2013). *MaddAddam*. Londres: Bloomsbury.
- BEAUVOIR, Simone de (1977). *The Second Sex*. Trad. e ed. de H. M. Parshley. Harmondsworth: Penguin.
- BRAIDOTTI, Rosi (1991). *Patterns of Dissonance: A Study of Women and Contemporary Philosophy*. Cambridge: Polity.
- BUJOLD, Lois McMaster (1994). *Barrayar*. London: Pan.
- BURDEKIN, Katherine (1989a). *Proud Man*. Prefácio e Posfácio por Daphne Patai. Nova Iorque: The Feminist Press.
- (1989b). *The End of This Day's Business*. Afterword by Daphne Patai. Nova Iorque: The Feminist Press.
- CAVENDISH, Margaret, Duchess of Newcastle (1666). *The Description of a New World, Called The Blazing-World*. Londres: A. Maxwell.
- CHARNAS, Suzy McKee (1981). *Motherlines*. New York: Berkley.
- (1981). «A Woman Appeared», in: BARR, Marleen S. (ed.). *Future Females: A Critical Anthology*. Bowling Green: Bowling Green University Press, pp. 103-108.
- CHERRYH, C. J. (1988). *Cyteen*. Nova Iorque: Warner Books.
- CORBETT, Mrs. George (1889). *New Amazonia: A Foretaste of the Future*. Londres: Tower Publishing Company.
- CRIDGE, Annie Denton (1870). *Man's Rights, Or How Would You Like It?* Boston: William Denton.
- CROSS, Victoria (1935). *Martha Brown, M.P.: A Girl of Tomorrow*. Londres: F. Werner Laurie.
- DALTON, Henry Robert S (1889). *Lesbia Newman*. Londres: George Redway.
- DEECH, Ruth / SMADJOR, Anna (2007). *From IVF to Immortality: Controversy in the Era of Reproductive Technology*. Oxford: Oxford University Press.
- DELPHY, Christine (1993). «Rethinking Sex and Gender», *Women's Studies Int. Forum*, vol. 16, n.º 1, pp. 1-9.
- DIXIE, Lady Florence (1890). *Gloriana, or, The Revolution of 1900*. 3 vols. Londres: Henry and Co.
- FIRESTONE, Shulamith (1972). *The Dialectic of Sex: The Case for Feminist Revolution*. Nova Iorque: Bantam.
- FITTING, Peter (1987). «For Men Only: A Guide to Reading Single-Sex Worlds», *Women's Studies*, vol. 14, n.º 2, 101-117.
- FLAKE, Alan *et al.* (2017). «An Extra-Uterine System to Physiologically Support the Extreme Premature Lamb», *Nature Communications*, vol. 8, URL: <https://www.nature.com/articles/ncomms15112> (Acesso em Janeiro de 2017).

- FORREST, Katherine V. (2002). *Daughters of an Amber Noon*. Nova Iorque: Alyson Publications.
- FOUCAULT, Michel (1983). «The Subject and Power», in: DREYFUS, H. / RABINOW, P. (eds.). *Michel Foucault: Beyond Structuralism and Hermeneutics*. Chicago: The University of Chicago Press, pp. 208-226.
- FREUD, Sigmund (2001). «The Dissolution of the Oedipus Complex», in: F., S., *Complete Psychological Works*. Vol. 19. Londres: Vintage Classics.
- GEARHART, Sally Miller (1979). *The Wanderground*. Boston: Alyson.
- (1984). «Future Visions: Today's Politics: Feminist Utopias in Review», in: ROHRlich, Ruby / BARUCH, Elaine Hoffman (eds.). *Women in Search of Utopia: Mavericks and Mythmakers*. Nova Iorque: Schocken Books, pp. 296-309.
- (2002). *The Kanschou*. Tallahassee: FL, Spinsters Ink Books.
- GILMAN, Charlotte Perkins (1898). *Women and Economics. A Study of the Economic Relation Between Men and Women as a Factor in Social Evolution*. Boston: Small, Maynard & Co.
- (1924). *His Religion and Hers*. Londres: T. F. Unwin.
- (1979). *Herland*. Int. por Ann J. Lane. Nova Iorque: Pantheon Books.
- GOM, Leora (1990). *The Y Chromosome*. Toronto: Sumach Press.
- GOURMONT, Remy de (1926). *The Natural Philosophy of Love*. Trad. Ezra Pound. Londres: The Casanova Society.
- HALL, Sarah (2008). *Daughters of the North*. Nova Iorque: Harper Perennial.
- HARAWAY, Donna (1997). Modest_Witness@Second_Millennium.FemaleMan_Meets_
- ONCOMOUSE: *Feminism and Technoscience*. Londres, Routledge.
- HARRISON, Sarah Ellys *et al.* (2017). «Assembly of embryonic and extra-embryonic stem cells to mimic embryogenesis in vitro», *Science*, 2 de Março. https://www.repository.cam.ac.uk/bitstream/handle/1810/264047/Harrison_et_al-2017-Science-AM.pdf?sequence=1 (Acesso em Março de 2017).
- HOLTBY, Winifred (1928). *Eutychus: Or the Future of the Pulpit*. Londres: Kegan Paul, Trench, Trubner & Co.
- HOSSAIN, Rokeya Sakhawat (1988). *Sultana's Dream: and Selections from the Secluded Ones*. Nova Iorque: Feminist Press at The City University of New York.
- HUSTVEDT, Siri (2014). *The Blazing World*. Londres: Sceptre.
- HUXLEY, Aldous (1998). *Brave New World*. Nova Iorque: Perennial Classics.
- JAMES, P. D. (2010). *The Children of Men*. Londres: Faber & Faber.
- KAVENNA, Joanna (2011). *The Birth of Love*. Londres: Faber & Faber.

- LANE, Mary E. Bradley (2000). *Mizora: A Prophecy*. Ed. por Jean Pfaelzer. Syracuse / New York: Syracuse University Press.
- LE GUIN, Ursula K. (2000). *The Left Hand of Darkness*. Nova Iorque: Ace Books.
- OLIVER, Kelly (2016). *Hunting Girls: Sexual Violence from The Hunger Games to Campus Rape*. Nova Iorque: Columbia University Press.
- PIERCY, Marge (1976). *Woman on the Edge of Time*. Nova Iorque: Knopf.
- PINKER, Steven (2012). *The Better Angels of Our Nature: A History of Violence and Humanity*. Nova Iorque: Penguin Random House.
- PERSSON, Ingmar / SAVULESCU, Julian (2013). «Getting Moral Enhancement Right: The Desirability of moral bioenhancement», *Bioethics*, vol. 27, no. 3, pp. 124-131.
- PIZAN, Christine de (1999). *The Book of the City of Ladies*. Trad. Rosalind Brown-Grant. Londres: Penguin.
- RUSS, Joanna (1972). «The Image of Women in Science Fiction», in: Cornillon, Susan Koppelman (ed.). *Images of Women in Fiction*. Bowling Green: Bowling Green University Popular Press, pp. 79-94.
- (1981). «Recent Feminist Utopias», in: Barr, Marleen S. (ed.). *Future Females: A Critical Anthology*. Bowling Green: Bowling Green State University Popular Press, pp. 71-85.
- (1986). *The Female Man*. Boston: Beacon Press.
- SARGENT, Lyman Tower (1975). «Utopia – The Problem of Definition», *Extrapolation*, vol. 16, no. 2, pp. 137-147.
- SARGISSON, Lucy (2012). *Fool's Gold? Utopianism in the Twenty-First Century*. Londres: Palgrave Macmillan.
- SCOTT, Sarah (1995). *A Description of Millenium Hall and the Country Adjacent*. Peterborough, Ont.: Broadview.
- SJOBERG, Laura / GENTRY, Caron E. (2008). «Reduced to Bad Sex: Narratives of Violent Women from the Bible to the War on Terror», *International Relations*, vol. 22, no. 1, p. 5–23.
- SLONCZEWSKI, Joan (1987). *A Door Into Ocean*. Londres: The Women's Press.
- (1993). *Daughter of Elysium*. Rockville / Maryland: Arc Manor Publishers.
- SMADJOR, Anna (2007). «The Moral Imperative for Ectogenesis», *Cambridge Quarterly of Healthcare Ethics*, vol. 16, n.º 3, pp. 336-345.
- SPARROW, Robert (2013). «In vitro eugenics», *Journal of Medical Ethics*, 4 de Abril, URL: <http://jme.bmj.com/content/early/2013/02/13/medethics-2012-101200.full#ref-21> (Acesso em Janeiro de 2017).
- STANTON, Elizabeth Cady (1993). *The Woman's Bible*. Foreword by Maureen Fitzgerald. Lebanon, HP: Northeastern University Press.

- STEIN, Karen. F. (1997). «Utopianism», in: Elizabeth Kowaleski-Wallace (ed.). *Encyclopedia of Feminist Literary Theory*. Nova Iorque: Garland Publishing, pp. 409-410.
- SUVIN, Darko (1973). «Defining the Literary Genre of Utopia: Some Historical Semantics, Some Genealogy, a Proposal and a Plea», *Studies in the Literature of Imagination*, vol. 6, n.º 2, pp. 121-145.
- TIPTREE JR., James (1976). «Houston, Houston, Do You Read?», in: Anderson, Susan Janice / McIntyre, Vonda N. (eds.). *Aurora: Beyond Equality*. Nova Iorque: Fawcett Gold Medal.
- USUDA, Haruo *et al.* (2017). «Successful Maintenance of Key Physiological Parameters in Preterm Lambs Treated with Ex Vivo Uterine Environment Therapy for a Period of 1 Week», *American Journal of Obstetrics and Gynecology*. Volume 217, Issue 4, Pages 457.e1–457.e13.
- VOGEL, Sir Julius (2000). *Anno Domini 2000; or Woman's Destiny*. Int. por Roger Robinson. Auckland: Exisle Publishing.
- WEINBAUM, Batya (1999). *Islands of Women and Amazons: Representations and Realities*. Austin: University of Texas Press.
- WEST, Rebecca (1932). «Man and Religion», in: ULRICH, Mabel (ed.). *Man, Proud Man. A Commentary*. Londres: Hamish Hamilton, pp. 249-285.
- WINTERSON, Jeanette (2005). *The Stone Gods*. Londres: Hamish Hamilton.
- WITTIG, Monique (1980). *La Pensée Straight. Questions Féministes*, n.º 7 (février), pp. 45-53.
- WOOLF, Virginia (1998). *A Room of One's Own / Three Guineas*. Ed. por Morag Shiach. Oxford: Oxford University Press.

TÍTULO: Utopias e Distopias feministas: Futuros Alternativos e Novas Tecnologias Reprodutivas

RESUMO: As utopias feministas podem ser descritas como exercícios intelectuais de extrapolação futura e invenção crítica de novos cenários familiares, sociais e políticos mais adequados a visões de um mundo melhor, de um ponto de vista feminino, liberto de rígidas e repressivas estruturas patriarcais. Neste sentido transformam-se em instrumentos extremamente úteis na visualização de mundos mais igualitários. As distopias, por seu lado, surgem predominantemente em tempos de crise, dramatizando as problemáticas dominantes e por vezes levando as suas possíveis ramificações até às consequências mais drásticas, constituindo-se como um aviso e chamada de atenção para problemas futuros que poderão ainda ser prevenidos se lhes for prestada a atenção devida e encontradas soluções para os resolver. A par de uma visão geral e contextualização dos maiores agrupamentos de utopias e distopias feministas este artigo elencará algumas das temáticas sobre as quais estas narrativas incidem mais enfaticamente e analisará mais em pormenor de que maneira a biologia feminina tem condicionado o papel da mulher, reflectindo também sobre as possibilidades de mudança que se perfilam num horizonte próximo como resultado da implementação de novas tecnologias reprodutivas.

TITLE: Feminist Utopias and Dystopias: Alternative Futures and New Reproductive Technologies

ABSTRACT: Feminist utopias can be described as thought experiments in speculative fiction, extrapolating into the future new family, social and political scenarios deemed more adequate to feminine visions of a better world, freed from repressive patriarchal structures. They can thus become useful narrative instruments in terms of imagining more egalitarian worlds. Dystopias, in turn, usually appear in times of crisis, fictionally dramatizing the dominant questions and taking the potential repercussions of these problems to their most drastic consequences. They are thus cautionary tales, warning against those future dangers that may still be prevented if sufficient attention is paid to solve them. Alongside a general overview and contextualization of the most important clusters of feminist utopias and dystopias, this article will analyse some of the most relevant thematic concerns. Particular attention will be given to the ways in which biology has conditioned women's roles as well as the potential for change as a result of the implementation of new reproductive technologies.